



Paixão antiga

O fotógrafo Tuca Reinés vai todos os anos para a Bahia. Teve anos em que foi todos os meses. E meses em que foi todos os fins de semana

Por Marília Scalzo

Dois livros, uma casa, um terreno, muitos trabalhos, muitas viagens, incontáveis fotografias. A ligação do fotógrafo paulistano Tuca Reinés com a Bahia é antiga – e muito forte. “Vem desde minha adolescência, na década de 70”, ele lembra. Naquela época, a graça era ir para Arembepe, a 30 quilômetros ao norte de Salvador, uma das primeiras aldeias hippies do Brasil. “Tinha o Carnaval de Salvador também”, recorda.

Tuca nunca se mudou para lá de mala e cuia – mesmo tendo decidido em 1975 que o sul da Bahia era o lugar em que moraria um dia. Mas quase. “Desde o início da década de 70, vou todos os anos. Teve anos em que fui todos os meses e meses em que fui todos os fins de semana”, conta. Nunca morou, mas teve uma casa durante 16 anos na praia de Curuípe, a 20 quilômetros ao sul de Trancoso.

Quando comprou o terreno – “escolhido a dedo” –, a praia, que depois começou a ser chamada de Espelho, era habitada por uma só família de pescadores, os donos do lugar. “Era difícil chegar, não tinha estrada, fiz a casa toda usando barco e avião”, diz. “Era a extensão da minha casa paulistana. Tinha todo o meu equipamento de trabalho, mas era uma casa de pesca, simples, sem nenhum eletrodoméstico, só uma geladeira a gás.” Ali, com a mulher, Carla, e os filhos, Geórgia e Eric, passou verões maravilhosos – “chegamos a ficar 60 dias”.

Tuca preocupa-se com a falta de planejamento e o crescimento desordenado dos lugares que considera os mais lindos do Brasil. “Todo lugar que é muito bom acaba reunindo em volta muita gente e, se não há planejamento –

plano diretor, essas coisas –, corre o risco de ficar tudo ruim.” Foi por isso que vendeu sua casa, há dois verões. “Antes, era tudo muito barato e eu gostava daquela coisa como conheci. Não precisava levar roupa, tinha meia dúzia de camisetas, uma capinha de chuva, dois shorts, Havaianas e só. Agora, já tinha de fazer mala porque tinha jantar na casa de um, de outro...”, lembra. “Gostava quando mergulhava, pegava meu peixe. Era uma vida simples. Eu ia pra lá e ficava olhando o mar. Era tudo o que eu queria.”

Tuca sonha em viajar pelo mar, sonha com uma infraestrutura que o país não tem. “Já pensou ter uma linha de barcos, como na Grécia, em que a moçada, de mochila, pegasse o barco em Salvador e pudesse descer em Morro de São Paulo, Itacaré, Ilhéus, Porto Seguro, Trancoso?” Sobrevoando o litoral sul baiano para fazer um trabalho no mês passado, entretanto, ficou feliz ao ver que, apesar de todos os problemas da ocupação, a costa está mais verde. “Vi que a chegada de pessoas preocupadas com o ambiente devolveu o verde para a costa; tem mais jardins, árvores, coqueiros...”

Hoje, ele tem um terreno entre Porto Seguro e Ilhéus, que comprou com alguns amigos. “É diferente, enorme, na beira da praia, tem coco e ostras.” A Bahia é tema de seus dois livros – *Living in Bahia* e *Bahia Style* –, ambos editados pela alemã Taschen. Tuca vai continuar fotografando, especialmente arquitetura, sua especialidade, mas agora, em fase de mudanças, faz uma curadoria em seu acervo e caminha em direção ao mercado de arte. Os primeiros negativos redescobertos foram feitos nos anos 70 em uma festa para Iemanjá, na Bahia, sempre a Bahia.